



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Indigenous contemporary art, exploring the decolonial shift through symbolic abstraction

READ A POEM FOR GAZA

Ibtisam M. Abujad  [0000-0003-2882-8662](#)

William Rainey Harper College, Palatine, Illinois, United States

Tradução de Bernardo Andrade Antoniazzi Cirino  [0009-0001-5349-0205](#)

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Abstract

"Read a Poem for Gaza" discusses the censorship and silencing of calls for decolonial justice by Palestinian academics and writers at institutions and in public forums following October 7th, 2023. It considers the liberatory impact (and limitations) of poetic and epistemic forms of resistance for displaced Palestinians in the global north who were dispossessed of their lands and homes by Israeli settler-colonial violence funded by U.S. imperial investments, while being privileged in their situation within the global north as mobile American citizens. It asks: What about the silenced voices of those martyred in Gaza? Should we speak for them, how do break barriers to speak alongside them, and do their words deconstruct the temporal and spatial borders of the nation-state to allow us to challenge in our own speech acts the violence of settler-colonialism and the politics and economics of empire?

LEIA UM POEMA POR GAZA

Resumo

"Leia um poema por Gaza" discute a censura e o silenciamento de apelos por justiça decolonial por acadêmicos e escritores palestinos em instituições e fóruns públicos após 7 de outubro de 2023. Ele considera o impacto libertador (e as limitações) de formas poéticas e epistêmicas de resistência para palestinos deslocados no norte global que foram desapropriados de suas terras e lares pela violência colonial israelense financiada por investimentos imperiais dos EUA, enquanto eram privilegiados em sua situação dentro do norte global como cidadãos americanos móveis. Ele pergunta: E quanto às vozes silenciadas dos martirizados em Gaza? Devemos falar por eles, como quebrar barreiras para falar ao lado deles, e suas palavras desconstruem as fronteiras temporais e espaciais do estado-nação para nos permitir desafiar em nossos próprios atos de fala a violência do colonialismo de assentamento e a política e economia do império?

Como citar: ABUJAD, Ibtisam M..
Read a Poem for Gaza. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. e53971, jul./dez. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

Read a poem for Gaza

They told me that I could not read a poem for Gaza,
so I spoke in my silence
They told me that I could not complain
and that it was okay for children to live underneath the rubble
For grandmothers to pick the threads for their thobes like rice

They told me that I could not read a poem for Gaza, so I spoke
Without ink and without pages,
I could envision the uncles tearing up the bread into smaller and smaller pieces
I saw, with my own eyes, through the screens, screams
We are a people behind screens,
A people of rivers, always flowing, always going

They told me that I could not read a poem for Gaza, so I spoke
From the North to the South and then stopped at Rafah
They wouldn't let me in even when I tore down the walls
Cement poured into the cavities of the homes,
Making them monuments to destruction
Like destruction, they stay forever
Scarring the flesh of time

They told me that I could not read a poem for Gaza, so I
I tear, they tear, the words break
Incoherent in the midst of sadness
When one feels that day will not break and mend
Who will ease the scratching in Dahdouh's throat?
"Malish"
Do they think that his child read a poem for Gaza?

They told me I could not read a poem for Gaza, so
I would tell them that I was angry, that when you mourn,
We need honeyed words collectively born, they nourish and heal
But they have always existed, like the sap in the trees, under the surface
From them hope flows

They told me that I could not read a poem for
The millions and billions,
Where are they when they leave the protests and return home?
Do they gaze into the eyes of loved ones and find themselves absent?
We look to the most vulnerable for strength,
When we think that trauma cannot find us
in the pages of poetry books

They told me that I could not write
Twenty days I have attempted and the words resisted
75 years I waited and the words persisted in the raspy voice of my grandmother
Why did she teach me about the olive oil and the sanasil?
I would not have known, then,
the bittersweet of drenched bread

They told me that I could not write
Signs held high above heads, sighs
Should we write or is our presence story enough?
When are people only read in the etching onto pages?
When are the screams drowned in the water, sanitized?
In Tabaria when we would go wash our bodies
On the Palestinian side, only half of it, never whole
Now not even at all, or will always be, all the same

They told me that I could not write
I could only speak in closed classrooms, and the words could not ever make it out
pretending to exist when they are confined from across seas
In the air, though, the languages become real,
Like my grandmother's "chafs" that I can still hear
They exist in us, branching, every inch of land, every olive tree,
The bombs do not eradicate the connective tissue
We make leaves into wreaths and place them on children's heads
We use the leaves to make the dawalee,
The leaves frail and fall, if we forget
We do not forget because we exist in them

They told me that I could not
Live in peace another day when if I sleep, they do not
What good is the peace offered when, if we translate it from English
And then give it to the merchants that arrange the meetings
Then we plaster it on the walls
It reads "siege"

Let their words speak for themselves, then
I do not want to read a poem for Gaza
They have read to us
Refaat Alareer and Heba Abul-nada, and those poets that taught us to read
They are the poem for Gaza,
and it is enough

Leia um poema por Gaza

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza
então eu falei no meu silêncio
Disseram-me que eu não poderia reclamar
e que era aceitável que crianças vivessem debaixo dos escombros
Que avós colhessem os fios de suas túnicas como se fossem grãos de arroz

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então eu falei
Sem tinta e sem páginas,
Eu pude visualizar os anciãos partindo o pão em pedaços cada vez menores
Eu vi, com os meus próprios olhos, através de telas, lamúrios
Nós somos um povo atrás das telas,
Um povo de rios, sempre fluindo, sempre partindo

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então eu falei
Do Norte até o Sul e então parei em Rafah
Eles não me deixaram entrar mesmo quando eu derrubei os muros
Cimento despejado nos vãos das casas
Transformando-as em monumentos à destruição
Como a destruição, elas permanecem para sempre
Marcando a carne dos tempos

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então eu
Eu sucumbi, eles sucumbiram, as palavras falham
Incoerentes no meio da tristeza
Quando se pensa que o dia não vai raiar e acalentar,
Quem irá amenizar os arranhões na garganta de Dahdouh?
"Malish"
Eles pensam que o seu filho lê um poema por Gaza?

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então
Eu disse a eles que eu estava com raiva; que quando estamos de luto,
Nós precisamos de palavras adoçadas nascidas coletivamente; elas nutrem e curam
Mas elas sempre existiram, como a seiva das árvores, sob a superfície –
Delas flui a esperança

Disseram-me que eu não poderia ler um poema pelos
Milhões e bilhões,
Onde estão eles depois que deixam os protestos e voltam para casa?
Será que eles fitam os olhos de suas pessoas amadas e as acham ausentes?
Nós olhamos para o mais dos vulneráveis em busca de força
Quando pensamos que o trauma não consegue nos achar
nas páginas dos livros de poesia

Disseram-me que eu não poderia escrever
Por vinte dias eu tentei e as palavras resistiram
Por setenta e cinco anos eu esperei e as palavras persistiram na voz rouca de minha avó.
Por que ela me ensinou sobre o azeite de oliva e o *sanasil*?
Eu não teria conhecido, na época,
o gosto agri-doce do pão encharcado

Disseram-me que eu não poderia escrever
Sinais erguidos sobre as cabeças, suspiros,
Devemos escrever ou a nossa presença já é história suficiente?
Quando é que as pessoas são lidas apenas nas marcas deixadas nas páginas?
Quando é que os gritos são afogados na água, esterelizados?
No Lago Tabaria, quando íamos lavar nossos corpos,
Na parte palestina, sempre metade deles, nunca completamente
Agora nem mesmo nunca, ou talvez será sempre, tudo igual

Disseram-me que eu não poderia escrever
Eu podia falar somente em salas de aula fechadas, e as palavras jamais poderiam escapar
Fingindo existirem quando na verdade estão aprisionadas do outro lado do oceano
No ar, porém, as línguas se tornam reais,
Como os "*chafs*" da minha avó que ainda consigo ouvir
Eles existem em nós, ramificando-se, a cada pedaço de terra, a cada oliveira
As bombas não eliminam o tecido que nos une
Fazemos das folhas coroas e as colocamos nas cabeças das crianças
Usamos as folhas para fazer *dawalee*
As folhas fraquejam e caem, se nos esquecemos
Nós não esquecemos porque existimos nelas

Disseram-me que eu não poderia
Viver em paz outro dia quando se eu dormir, eles não dormem
Que bem faz a paz que eles oferecem, quando, se a traduzimos do inglês,
E a entregamos para os negociantes que organizam as reuniões,
E então a colamos nas paredes,
Se lê "cerco"?

Deixemos as palavras falar por elas próprias, então
Eu não quero ler um poema por Gaza
Eles já leram para nós
Refaat Alareer e Heba Abul-nada, e aqueles poetas que nos ensinaram a ler
Eles são o poema para Gaza
E isso basta

SOBRE OS AUTORES

Ibtisam M. Abujad

Ibtisam M. Abujad is assistant professor of English at Harper College. She is a Muslim and Palestinian academic and poet, who conducts research on decoloniality and settler-colonialism, race and gender, American Studies and global politics and economics of empire, and Critical Muslim Studies.
<https://www.researchgate.net/profile/Ibtisam-Abujad>.

Bernardo Andrade Antoniazzi Cirino

Bacharelado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de iniciação científica com fomento da FAPEMIG.
E-mail: bernardo.cirino@gmail.com.